

SER “BOM PROFESSOR” DE MATEMÁTICA NA VISÃO DOS PRÓPRIOS PROFESSORES

Sandra Maria Nascimento de Mattos¹
smnmattos@gmail.com
PUC-SP – Brasil

Tema: I.8 - Processos Psicológicos implicados no Ensino e na Aprendizagem de Matemática.

Modalidade: CB

Nível educativo: 5. Formação e atualização docente

Palavras-chaves: bom professor, matemática, afetividade, ensino-aprendizagem

Resumo

Este artigo é parte de uma tese de doutorado em andamento que versa sobre a atuação do professor de matemática para gostar e/ou desgostar de matemática: um estudo sobre o processo de ensino e de aprendizagem à luz da psicogenética walloniana. Trata da sondagem inicial a respeito do que seja “bom professor” de matemática na visão dos próprios professores. Em pesquisa realizada através de um survey não supervisionado, por meio do Google docs à população existente em um curso de especialização à distância para professores de matemática, realizado pela Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro em convênio com o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense – Lante/UFF, Brasil. A análise dos dados aponta para a necessidade de o professor estabelecer um vínculo afetivo entre ele, o aluno e o conhecimento; para a busca de novas formas de ensino e de aprendizagem. Bem como, assinala para um conceito de “bom professor” como aquele que consegue trazer o aluno para seu lado e que atua trabalhando a compreensão empática e desenvolvendo o estímulo intelectual.

Introdução

Desvendar o bom professor não é tarefa desempenhada agora. A preocupação em desenvolver o perfil ideal de professor vem de longe. Entretanto, ainda não existe um consenso sobre esse perfil, principalmente quando se trata do professor de matemática. Atualmente o ensino da matemática continua provocando diferentes reações como o medo e o bloqueio nas crianças e nos jovens. Existe, também, a ideia de que um bom professor de matemática conseguiria modificar esse panorama.

As condições para ser um bom professor estão relacionadas aos aspectos intrínsecos (representações, valores, afetividade, imagem de si e do outro, formas identitárias) e aos aspectos extrínsecos (salário, carga horária, materiais e recursos didáticos). Mas o que se entende por bom professor? Quais os desafios que transformam um professor em bom professor? Para responder essas indagações trazemos Cunha (1988, 1998); Rangel (1994); Ghiraldelli Jr (1997, 2010); Freire (1996) e Lowman (2007) estudiosos do

¹ Bolsista da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - CAPES

assunto. Além de consulta aos autores, na busca de alcançar o objetivo de pesquisa, foi realizado um survey não superviosinado via Google docs, através da aplicação de um questionário à população de professores de matemática que realizam curso de especialização à distância em convênio afirmado entre a Secretaria de Estado de Educação do Rio de Janeiro – SEEDUC/RJ e o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense - Lante/UFF, Brasil.

Durante a formação o professor constrói sua prática adquirida em meio a discursos de diferentes formadores e a variados autores que estes formadores lhe apresenta. Essa construção ocorre vinculada a sua vivência pessoal, a sua experiência profissional e aquilo que o professor traz de sua cultura, seus valores, suas crenças e seus costumes oriundos da família e da sociedade que o circunda. Desse modo, o professor constitui suas representações do que seja bom professor.

“Bom professor” na visão de diferentes autores

Atualmente surge o debate sobre o perfil do professor para o século XXI. Aumenta a preocupação com a formação inicial e continuada desse profissional. Pesquisas crescem sobre a prática docente, sua relação com a teoria e a complexidade do cotidiano escolar, profissionalidade, profissionalismo. Emergem ideias do professor como prático reflexivo, animador, pesquisador, reflexivo-pesquisador, analítico-simbólico. Um bom professor para uma época não o será para outra. Um bom professor traz características inerentes ao seu momento cultural e histórico.

Para Monteiro e Martins (2009, p. 1698) ser bom professor “no Brasil colônia e no Brasil império estava vinculado a boas predições morais”. No período republicano o bom professor adquiriu “um perfil de formador “cívico-patriótico” e que obedecia a critérios racionais, seguindo os conteúdos definidos; tendo prescritos para ensinar, local e materiais apropriados”. Ghiraldelli Jr (1997) propõe olhar a questão do bom professor “por meio de uma compreensão histórico-filosófica” e separa o conceito de bom professor segundo o paradigma educacional brasileiro vigente em cada época.

Segundo o autor no discurso pedagógico humanista (séculos XVI, XVII e XVIII) o bom professor seria aquele que tornaria a criança em um autêntico indivíduo, que não deixa sua razão ser nublada. No discurso pedagógico da sociedade do trabalho (século XIX e início do XX) o bom professor seria aquele que proporcionaria a inserção social do indivíduo, integrando-o no mundo para transformar-se em trabalhador, em um profissional. O discurso pedagógico tecnicista (século XX) considerava como bom

professor aquele que tinha a capacidade de munir o indivíduo das técnicas necessárias a sua sobrevivência. Na modernidade (século XX) o bom professor é aquele que sabe lidar com as inovações tecnológicas, consigo mesmo e consegue educar o indivíduo na e para a sensibilidade.

Para Cunha (1988) o conceito de bom professor é valorativo e ideológico, pois representa uma ideia que foi construída socialmente sobre o professor, determinado em um tempo e em um lugar no decorrer da história humana. Portanto, o bom professor está em devir, está em um vir a ser constante. É determinado pelas atribuições que lhe são impostas e por aquilo que ele se apropria pelos atos de pertencimento. A autora (1988) afirma que a ideia de bom professor é variável, porque depende do ponto de vista de quem está conceituando esse bom professor.

Rangel (1994, p.59) afirma que o bom professor “se define como aquele que ensina conhecimento, raciocínio crítico e o valor do direito político do cidadão a “ser” e “viver” com dignidade”. A representação das falas de quem define o bom professor se apresentam em imagens, conceitos e afirmações consolidadas ao longo de um processo de formação profissional. Conceituar o bom professor caminha atrelado ao desafio por que passa o sistema educativo.

Para Labaree (apud Nóvoa, 2009, p.232) “um bom docente é aquele que se torna não-indispensável, que consegue que seus alunos aprendam sem a sua ajuda”. Lowman (2007) elaborou um modelo bidimensional, em que a qualidade de ensino é a resultante da habilidade do professor em criar estímulo intelectual e empatia interpessoal com os alunos. Segundo Freire (1996, p.86), “o bom professor é o que consegue, enquanto fala trazer o aluno até a intimidade do movimento do seu pensamento. [...] Seus alunos acompanham as idas e vindas de seu pensamento, surpreendem suas pausas, suas dúvidas, suas incertezas”.

Bons professores se fazem no caminhar entre o ensinar e o aprender, o que corrobora com Castro (2009, p.30) quando afirma que “bons professores eletrizam seus alunos com narrativas interessantes ou curiosas, carregando nas costas as lições que querem ensinar”. Mais ainda quando se trata da matemática, porque os alunos precisam de contextualização para absorver as abstrações. É Castro que afirma “preparar aulas é buscar as boas narrativas, exemplos e exercícios interessantes, reinterpretando e ajustando (é aí que entra a criatividade).”

Sobre todos esses autores recai a dimensão cognitiva e a dimensão afetiva na visão sobre o bom professor. Segundo Epstein “o que todos os grandes professores parecem ter em

comum é o amor por sua matéria, uma satisfação óbvia em despertar esse amor em seus alunos, e uma capacidade em convencê-los de que o que lhes está sendo ensinado é terrivelmente sério” (apud Lowman, 2007, p.21). Portanto, não pode haver separação entre razão e emoção, pois para Wallon (2008, p.17) “as ideias, o conhecimento, que geralmente parecem ser ao mesmo tempo o resultado e a condição da atividade intelectual, são apenas uma das suas possibilidades”.

Ghiraldelli Jr (2010) propõe 10 mandamentos para ser bom professor que são: 1. “Ter o domínio do que pretende que seja aprendido”, pois o aprendizado acontece quando o aluno utiliza os conteúdos para transformar sua vida. 2. “Ter a capacidade de se colocar no lugar do aluno, ouvindo-o e levando-o a sério”. Aqui entra a empatia, a escuta empática e a comunicação dialógica. 3. “Saber convencer”, pois o professor precisa mostrar as razões do que está ensinando pela persuasão, trazendo o aluno para seu lado. 4. “Ser razoável”, tendo a capacidade de ponderar o certo e o errado, acreditando na capacidade de aprendizagem do aluno. 5. “Ter grande percepção de si mesmo”, fazendo autoavaliação, autoreflexão. 6. “Ter capacidade de compreender a profissão”, conhecendo a dimensão pedagógica, profissional e política. 7. “Ser um leitor consciente”, valorizando o livro, a produção científica, construindo uma cabeça bem feita. 8. “Ser um desbravador criativo”, compreendendo o desenvolvimento do aluno, seus problemas, suas indagações, estimulando a criatividade e a imaginação. 9. “Ser capaz de fazer do aprendizado uma tarefa coletiva e desafiadora”, enfrentando os problemas como problemas de todos, tornando-o um desafio interessante. 10. “Ser curioso”, aguçando a criatividade e a imaginação.

Bom professor na visão dos professores de matemática

Após aplicação de questionário realizado através do Google docs, enviado a 200 professores de matemática da rede estadual de educação do estado do Rio de Janeiro, os quais estão realizando curso de especialização à distância em convênio afirmado entre a Secretaria de Estado de Educação – SEEDUC/RJ e o Laboratório de Novas Tecnologias de Ensino da Universidade Federal Fluminense - Lante/UFF, o retorno foi de 30% do total dos participantes, ou seja, 60 devoluções. A título de identificação desses professores foram utilizadas as referências de P1 a P60.

Segundo esses professores as habilidades necessárias ao bom professor de matemática são: despertar o prazer no aluno pela disciplina (70%), estimular a participação dos alunos nas aulas e ensinar o conteúdo matemático de acordo com a realidade ao aluno

(50%). Para P2 o bom professor precisa “planejar a aula com antecedência para ter domínio do assunto a ser abordado, despertando no aluno o interesse pela matemática, que é um grande tabu hoje em dia”. Segundo P7 “Ser um bom professor é despertar o interesse do aluno pela disciplina, fazer com que ele compreenda o conteúdo de forma significativa e consiga aplicá-lo em outras áreas de conhecimento”. P11 afirma que ser bom professor “é fazer o despertar do aluno, motivando-o sempre que possível”. Já P13 declara que o bom professor deve “[...] criar oportunidades para o aluno aprender com todas as ferramentas de ensino. Além da competência, habilidade interpessoal, equilíbrio emocional, tem que ter a consciência de que mais importante do que o desenvolvimento cognitivo é o desenvolvimento humano e que o respeito às diferenças está acima de toda pedagogia”. Nas respostas fica evidente que o professor está preocupado com o fazer aprender por meio do aprender a aprender. Prazer e participação aliados ao conteúdo contextualizado proporcionam sintonia entre o professor, o aluno e o conhecimento e corrobora com Rangel (1994, p.30) quando afirma que o professor foca o aluno “[...] porque vê, no aluno, uma pessoa que espera dele a compreensão, a estima, a paciência e o companheirismo que têm os amigos” e com Freire (1996, p.86) quando afirma que “[...] O fundamental é que professor e alunos saibam que a postura deles, [...] é dialógica, aberta, curiosa, indagadora [...]”.

Com relação às qualidades de um bom professor, eles responderam serem aquelas pertinentes ao desenvolvimento da aula em si, tais como planejar (51%) e estabelecer objetivos a alcançar (36%), bem como, aquelas que dizem respeito às interações entre ele e seus alunos, tais como estabelecer o diálogo (44%), ser paciente (31%) e ser justo e imparcial (28%). O que fica constatado que o professor de matemática está preocupado em criar sua aula, em torná-la atraente, dialética e dialógica. Isto devido ao entendimento que o aluno dá mais importância, segundo Cunha (2010, p.44), “[...] às qualidades humanas e relacionais do docente do que às qualidades ligadas à técnica pedagógica [...] e a características relacionadas com a moderação, a paciência e a empatia [...]”. Esse professor olha o aluno, seu interesse e ajuda-o, despertando sua curiosidade frente aos novos conhecimentos de matemática. Esta atitude do professor proporciona, no aluno, um estímulo positivo com relação à própria disciplina, que pode libertá-lo da fobia ou ansiedade em relação à matemática.

Em relação às competências necessárias ao bom professor, 73% dos professores afirmam que ter domínio sobre o que ensina é imprescindível. Corroborando com Ghiraldelli Jr (2010) em seu primeiro mandamento e com Freire (1996, p. 92) quando

afirma: “[...]. O professor que não leve a sério sua formação, que não estude, que não se esforce para estar à altura de sua tarefa não tem força moral para coordenar as atividades de sua classe”. O professor que tem o domínio sobre o que ensina consegue criar, transformar e eletrizar o conteúdo matemático, tornando-o acessível ao aluno, permitindo-o aprender com prazer. A esse respeito Cunha (2010, p.41) afirma “que o docente deva conhecer profundamente a matéria de ensino, transmitindo-a, criando assim situações que permitam aos alunos apropriar-se dela de forma eficaz”.

Dentre as competências citadas, ser criativo (52%), ser mediador (50%) e ser pesquisador (40%) também tiveram destaque entre os professores. Atualmente o professor de matemática busca novas alternativas para inovar e transformar suas aulas, tornando-as mais prazerosa. Essas alternativas envolvem implicações afetivas, pois a qualidade das mediações desenvolvidas pelo professor faz com que o aluno aprenda a gostar de matemática. Esse professor gosta do que faz. É pela mediação que o professor passa sua intenção de ensinar, ressignificando o conteúdo matemático de forma criativa e favorecendo a integração do mundo interior do aluno com o mundo exterior. Dessa maneira, o aluno consegue aprender pelo desenvolvimento de suas capacidades.

Segundo Davydov (apud Libâneo, 2004, p.14) mais importante que o pensamento é a emoção que este desencadeia para a pessoa decidir e agir. Segundo esse autor “[...] as emoções são muito mais fundamentais do que os pensamentos, elas são a base para todas as diferentes tarefas que um homem estabelece para si mesmo, incluindo as tarefas do pensar”. Portanto, o gostar de matemática relaciona-se com o modo que desenvolve sua aula, com a atitude que o professor desempenha frente ao aprendizado do aluno.

Wallon (2007, p.93) afirma que “[...] pela emoção com a qual vibrou, o indivíduo encontra-se virtualmente em sintonia com qualquer outro no qual se produziriam as mesmas reações”. Desse modo, os processos afetivos, dos quais a emoção é um estado, são todos os estados que desencadeiam sensações de prazer ou desprazer, ligadas as tonalidades agradáveis e desagradáveis. Saber ouvir (38%) e se colocar no lugar do aluno (35%) também são competências apontadas pelos professores, o que permite concluir que ele está preocupado em desenvolver no aluno tudo aquilo que ele consegue.

Esse professor sabe valorizar as relações interpessoais entre ele, o aluno e o conhecimento. Para ele há a necessidade de encontrar um ponto de equilíbrio neste tripé, pela inovação e pelo acolhimento e reconhecimento das dificuldades do aluno diante da matemática. Corroborando com Lowman (2007) que afirma que um bom

professor precisa desenvolver o estímulo intelectual e fortalecer a empatia interpessoal. É a compreensão empática, em que o professor consegue se colocar no lugar do aluno, compreende as reações do aluno e percebe como ele faz para aprender. Desse modo, o professor aceita o aluno como ele é, como pessoa, com sentimentos e opiniões que podem ser divergentes.

Considerações finais

Nas análises realizadas sobre as respostas obtidas dos professores de matemática a pesquisa aponta para a necessidade de o professor estabelecer um vínculo afetivo entre ele, o aluno e o conhecimento. Aponta, também, para a busca de novas formas de ensino e de aprendizagem, em que é trabalhado o estímulo intelectual por meio da valorização do que o aluno traz, da experiência já desenvolvida com a matemática e com suas dificuldades e possibilidades diante do conteúdo abordado. Bem como, assinala para o estabelecimento da compreensão empática desenvolvida pela escuta empática, da compreensão de como esse aluno é e no entendimento de suas opiniões e sentimentos para com a matemática.

Diante dos dados acima apresentados cabe observar que o professor de matemática para ser “bom professor” precisa estar balizado por experiências práticas em sala de aula para compreender seu aluno e sua relação com o conhecimento matemático. Necessita estar em constante formação para adquirir novos meios para ensinar e aprender, proporcionando a troca dialógica e dialética para uma aprendizagem mais significativa. Em suma, um bom professor é aquele que sabe “seduzir” o aluno, ou seja, que consegue “trazer para o seu lado” (Codo & Gazzotti, 2000, p. 50) e ao mesmo tempo sensibiliza e é sensibilizado pelas relações entre aluno-professor-conhecimento. É o “catalisador” da motivação, da cooperação e da aprendizagem, permitindo ao aluno caminhar e construir conhecimentos. É aquele que ouve empaticamente e se faz empático, que aprende enquanto ensina e enquanto ensina permite ao aluno aprender.

Referências Bibliográficas

- Castro, C. de M. (2009). Educar é contar histórias. *Revista Veja*. Ed. 2116, ano 42, n. 23. p.30. Recuperado de www.veja.com.br/acervodigital. Acesso em 27/12/2012 às 16:33.
- Codo, W. & Gazzotti, A. A. (2000). Trabalho e carinho. En CODO, W. (Ed.). *Educação, carinho e trabalho*. 2 ed. Rio de Janeiro: Vozes. 48-59.

- Cunha, A. C. (2010). Representação do “bom” professor: o “bom” professor em geral e o “bom” professor de educação física em particular. *Educação em Revista*. 11(2). 41-52. Recuperado de <http://www2.marilia.unesp.br/revistas/index.php/educacaoemrevista/article/view/2320>. Acesso em 27/12/2012 às 16:56.
- Cunha, M. I. (1988). *A prática pedagógica do “bom professor”*: influências na sua atuação. (Tese inédita de doutorado). UNICAMP/FE, Campinas, BR.
- Cunha, M. I. (1998). *O bom professor e sua prática*. Rio de Janeiro: Papirus.
- Freire, P. (1996). *Pedagogia da autonomia: saberes necessários à prática educativa*. São Paulo: Paz e Terra.
- Ghiraldelli Jr, P. (1997). O que é um “bom professor”? O professor no discurso pedagógico no mundo moderno e contemporâneo. *Educação e Filosofia*. 11(21 e 22). 245-262.
- Ghiraldelli Jr, P. (2010). *Os dez mandamentos do bom professor*. Recuperado de <http://ghiraldelli.pro.br/2010/07/os-dez-mandamentos-do-bom-professor/>. Acesso em 06/01/2013 às 14:58.
- Libâneo, J.C. (2004). A didática e a aprendizagem do pensar e do aprender: a Teoria Histórico-cultural da Atividade e a contribuição de Vasili Davydov. *Revista Brasileira de Educação*, Anped, Rio de Janeiro, n. 27. 5-25. Recuperado de <http://www.scielo.br/pdf/rbedu/n27/n27a01.pdf>. Acesso em 09/01/2013 às 16:08.
- Lowman, J. (2007). *Dominando as técnicas de ensino*. Trad. Harue Ohara Avritscher. Cons. Téc. Ilan Avrichir, Marcos Amatucci. São Paulo: Atlas.
- Monteiro, R.G. e Martins, P.L.O. (2009). Quem é o bom professor para estudantes do ensino médio? IX Congresso Nacional de Educação – EDUCERE. *Anais... PUCPR*. Paraná. 1694-1703. Recuperado de http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2009/anais/pdf/2680_1214.pdf. Acesso em 06/01/2013 às 15:30.
- Nóvoa, A. (2009). Os professores e o “novo” espaço público da educação. En Tardif, M. e Lessard, C. *O ofício de professor: história, perspectivas e desafios internacionais*. Trad. Lucy Magalhães. 3 ed. Capítulo 11, 217-233. Rio de Janeiro: Vozes.
- Rangel, M. (1994). *Representações e reflexões sobre o bom professor*. 7 ed. Rio de Janeiro: Vozes.
- Wallon, H. (2008). *Do ato ao pensamento: ensaio de psicologia comparada*. Trad. Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes. (Coleção Textos Fundantes de Educação).
- Wallon, H. (2007). *A criança turbulenta: estudo sobre os retardamentos e as anomalias do desenvolvimento motor e mental*. Trad. Gentil Avelino Titton. Rio de Janeiro: Vozes.